



A BATALHA DA CACHOEIRA DO CIPÓ



A BATALHA DA CACHOEIRA DO CIPÓ

VERA DO VAL

COM ILUSTRAÇÕES DE
CATARINA BESSELL

editora scipione

A batalha da cachoeira do Cipó

© Vera do Val, 2013

Gerente editorial **Fabricio Waltrick**

Editora **Lavínia Fávero**

Editora assistente **Elza Mendes**

Coordenadora de revisão **Ivany Picasso Batista**

Revisoras **Cláudia Cantarin, Cátia de Almeida**

Projeto gráfico **Marcelo Martinez | Laboratório Secreto**

Editoração eletrônica **Marcelo Martinez**

Coordenadora de arte **Soraia Scarpa**

Assistente de arte **Thatiana Kalaes**

Estagiária **Izabela Zucarelli**

Tratamento de imagem **Cesar Wolf, Fernanda Crevin**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V23b

Val, Vera do

A batalha da cachoeira do Cipó / Vera do Val; ilustração Catarina Bessell. - 1.ed. - São Paulo : Scipione, 2013.

112 p.: il.

ISBN 978-85-262-9241-3

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Bessell, Catarina. II. Título.

13-02227

CDD: 028,5

CDU: 087,5

ISBN 978 85 262 9241-3 (aluno)

ISBN 978 85 262 9242-0 (professor)

Código da obra CL 738548

2013

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Scipione, 2013

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@scipione.com.br

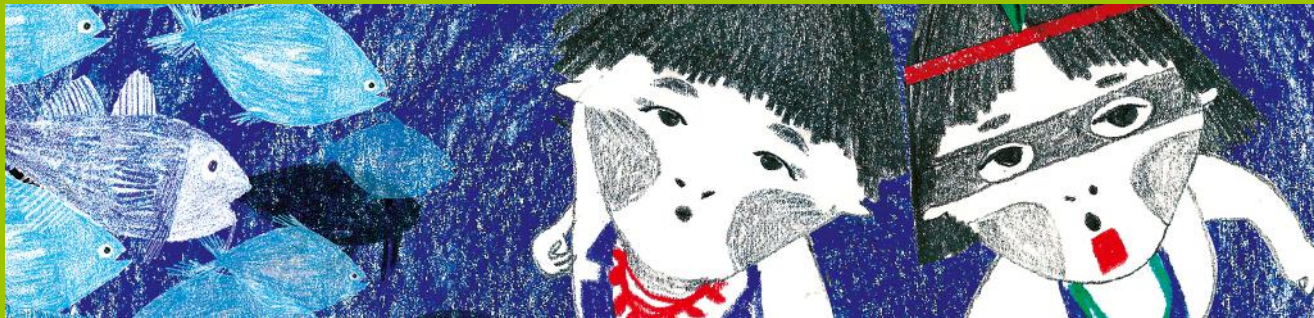
www.scipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





**PARA MEUS NETOS,
HENRIQUE E CLARA,
E RICARDO ALFIERI FILHO.**



SUMÁRIO

A BATALHA DA CACHOEIRA DO GIPÓ

AS LUZES	10
OS XAPIRIPÊS	16
PREPARATIVOS	26
A BATALHA	33

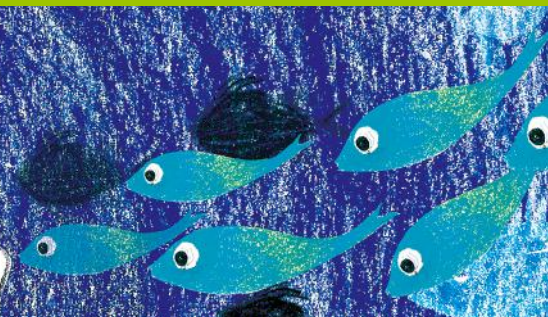
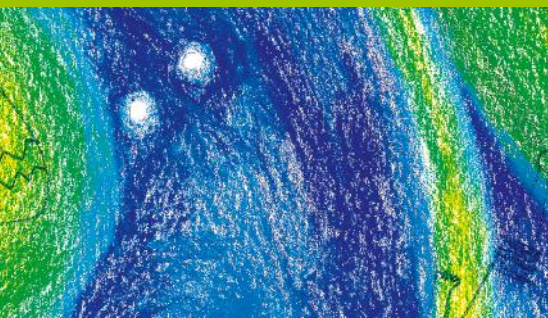
O JULGAMENTO

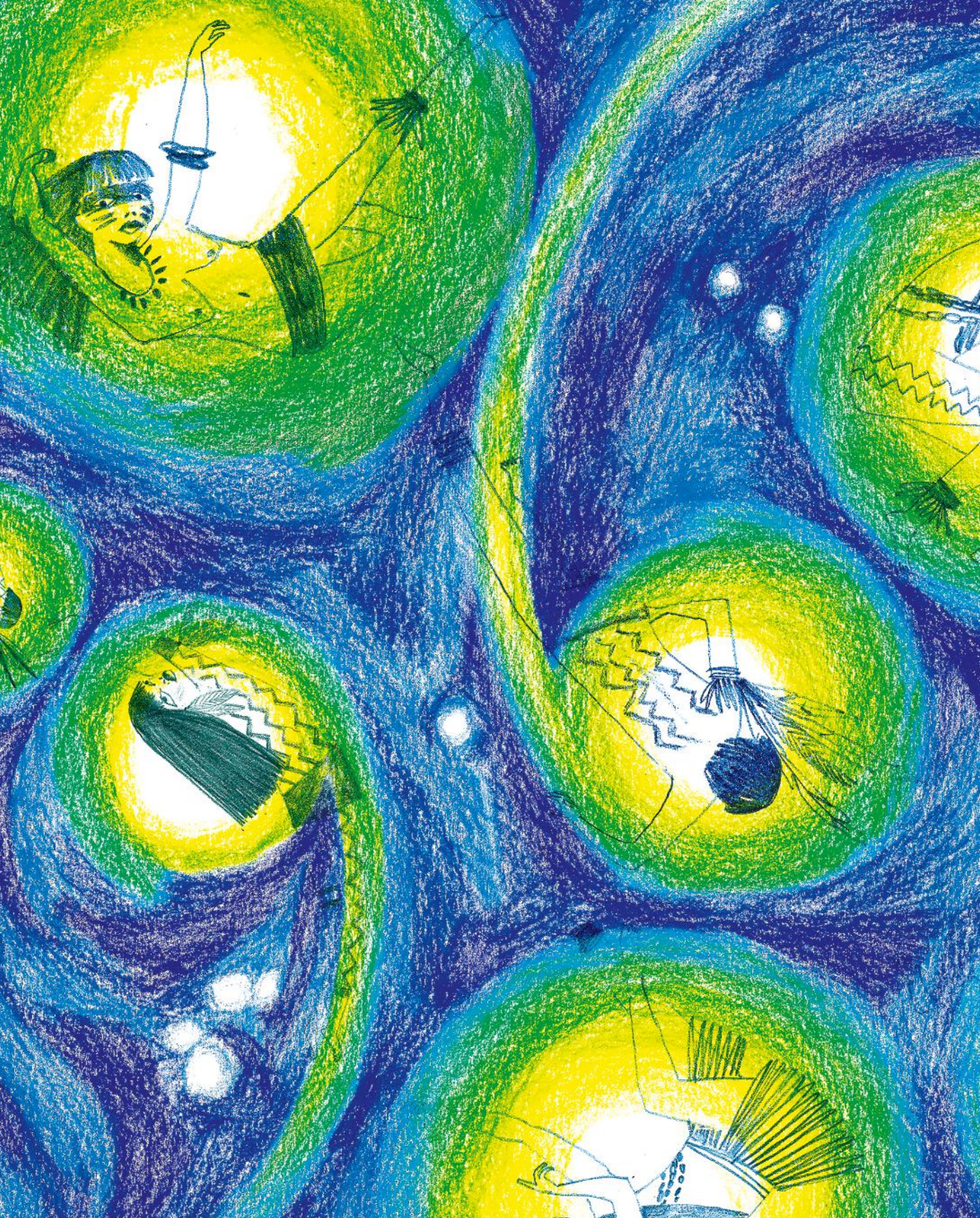
A PESCARIA	46
PRESOS!	51
O JULGAMENTO	58

A BOIUNA

RAPTO!	74
O PIRARUCU	86
A EXPLOÇÃO	97

GLOSSÁRIO	106
-----------	-----







**A BATALHA
DA CACHOEIRA DO CIPÓ**

AS LUZES

KAÓ ESTAVA ENCAFIFADO. Não era a primeira vez que via aquelas luzes lá na outra margem do rio. A floresta estava quieta, nem bicho rondando nem piar de urutau nem vento gemendo nas folhas. Um grande silêncio e aquele calor. De barulho só o chiado da água correndo. Três dias atrás não conseguira dormir e viera até o barranco, quem sabe dar um mergulho na água escura e fria. Foi quando viu as luzes pela primeira vez. Eram esverdeadas e ziguezagueavam na mata. Gente não podia ser, não havia outra tribo morando por aquelas bandas. E gente faz luz amarela de fogueira, e fogueira não anda de um lado para o outro, sobe e desce, que não tem pernas nem asas. E também não aparece e desaparece. O menino matutava. As luzes ficavam naquilo até quase o amanhecer, quando então, de repente, sumiam.

O que poderia ser?

Desse dia em diante, mal a aldeia adormecia, Kaó vinha para a beira d'água. E as luzes lá, não dava outra. Começavam poucas e depois de um tempo eram muitas; parecia que desciam do céu. E começavam a correr e riscar o escuro, para lá e para cá, como se dançassem. Pensou em falar para os pais, mas sabia que a mãe ia esbravejar. O que um menino estava fazendo na beira do rio durante a noite? Quer virar comida de bicho? Delícia de onça? Melhor não dizer nada. Tinha que contar a Apiraí, mas o amigo tinha ido até a vila com o pajé e já devia estar voltando. A noite estava escura e sem lua e, naquele pretume, as luzes eram muito numerosas e bailavam mais depressa. Acocorado, ele observava.

De repente, escutou um leve roçar de galhos ao seu lado e deu um pulo.

– Apiraí... Que mania de chegar assustando a gente!

O outro, já se sentando ao seu lado, riu:

– Kaó, como você um dia vai ser um grande caçador, se não sabe andar no mato sem fazer barulho e se assusta por nada?

Apirai parecia bicho caçador. Andava que não se ouvia, não quebrava galho, não farfalhava as folhas, pisava macio como a onça-pintada. Eram da mesma idade. Kaó mais robusto, mais forte, Apirai mais ágil, embora franzino. Enquanto Kaó se preparava para se tornar um guerreiro, Apirai deveria suceder o pai, o pajé. Cresceram juntos brincando na floresta, tomando banho no rio Negro, se lambuzando de açaí, quebrando coco e apanhando tucumã. Eram amigos inseparáveis e estudavam um ao lado do outro na escolinha da aldeia. Enquanto um era a força, a esperteza e a audácia, o outro era o bom senso, a calma e a inteligência.

– Meu pai disse que falta pouco para o ritual do guerreiro. Logo depois sairemos para a caça de verdade. Só algumas luas e pronto.

– Aí, adeus, caça miúda. Adeus, ajudar a mãe no roçado. Quero ver você arrastando couro de onça-pintada, das grandonas e comedoras de gente. Vamos ser guerreiros! – os dois meninos sonhavam.

As pequenas luzes reapareceram do outro lado do rio.

– Olha lá, o que é aquilo? – Apirai deu um pulo.

– Já vi, tem dias que aparecem. Ficam correndo de um lado para o outro, somem e aparecem de novo.

– Você contou isso para alguém?

– Não. A mãe ia ficar brava porque eu devia estar dormindo. Mas está muito calor e o sono fugiu. E essas luzes... O que será isso?

Apirai sorriu, superior.

– Deve ser xapiripê. Olha, a luz é verde.

Kaó se lembrou dos ensinamentos do pajé. Os xapiripês eram os pequenos espíritos das coisas vivas. Tudo tinha seu xapiripê: as árvores, os bichos, os pássaros, os antepassados. Viviam pela floresta e a protegiam. Também seguravam o céu para que não caísse